
SESSÕES DO PLENÁRIO

22ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 01 de junho de 2009.

PRESIDENTE: DEP. ÁLVARO GOMES *AD HOC*

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial proposta por mim em comemoração aos 50 anos da Revolução Cubana.

Convido para compor a mesa o Sr. Sérgio Martinez, representando aqui a embaixada de Cuba no Brasil; o Sr. Presidente da Associação José Martí, Antônio Barreto; o ex-deputado estadual e conselheiro da Associação, Aristeu Barreto de Almeida; a Sr^a Representante dos graduados em Medicina cubana, Dra. Ana Marta; a diretora de gênero do Sindicato dos Bancários da Bahia, Nole Fraga; o diretor de imprensa e ex-presidente da Associação José Martí, Deoclides Cardoso; e o representante da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), Aurino Pedreira.

Inicialmente, queria pedir desculpas a todos pelo atraso. Na realidade, nós tínhamos convocado esta sessão especial em comemoração aos 50 anos da Revolução Cubana, e paralelamente o governador nos convocou para uma reunião hoje pela manhã, a Bancada do Partido Comunista do Brasil e a sua direção. A reunião teve início às 8h30m da manhã. E eu não poderia faltar, em função de ser o Líder do PCdoB na Assembleia Legislativa. Como também faltaria a esta sessão porque fui o autor da convocação, da solicitação. Então fiz um esforço, participei da audiência com o governador até agora e me atrasei um pouco. Por isso, peço desculpas a todos que ficaram aqui aguardando o início desta sessão especial.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Como proponente da presente sessão especial, farei as minhas considerações no meu pronunciamento inicial.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Queria saudar aqui o representante da embaixada de Cuba no Brasil, o Sr. Sérgio Martinez; e também os demais componentes desta Mesa, os militantes na luta pela democracia e pelo socialismo Deoclides Cardoso, Ana Marta, Barretinho, Aristeu, velho militante e ex-deputado estadual, Nole Fraga, Aurino. Saúdo ainda todos os demais companheiros, como o representante da Secretaria do Trabalho, Everaldo Augusto, e o cineasta Pronzato, sempre presente aos atos.

Queria dizer que é com muita satisfação que nós realizamos esta sessão especial em homenagem aos 50 anos da Revolução Cubana. Esta Casa se sente muito honrada em estar aqui acolhendo a embaixada de Cuba, os militantes em defesa do socialismo, da democracia, da justiça social.

Eu sou um admirador de Cuba e tive o privilégio, a oportunidade de visitar aquele país por quatro vezes. Estive lá em 90 com a comitiva da CUT, numa viagem de solidariedade ao povo cubano. Depois, estive visitando, também, em outra viagem de solidariedade promovida pela Corrente Sindical Classista, hoje CTB. Estive no Encontro contra o neoliberalismo e recentemente estive participando de uma comitiva de deputados estaduais que visitaram Cuba, numa viagem de solidariedade.

Portanto, tenho uma grande admiração por aquele povo. E visitei aquele país num momento de extrema dificuldade, em 90, quando todos anunciavam o fim do socialismo em Cuba. Então, foi um momento de grandes dificuldades.

Eu lembro que quando cheguei ao Brasil a pergunta era única, quase todos perguntavam: “Quando é que Cuba vai cair?” Foi a época da queda do muro de Berlim, do Leste Europeu, chamado fim do socialismo. E aí todos faziam a mesma pergunta: “Cuba vai resistir até quando, em sua opinião, você que esteve lá?” E olha que quando estive lá a situação era realmente de penúria, de dificuldade, de extrema pobreza, e aí eu respondia dizendo que a impressão que eu tinha era de que Cuba iria resistir. Cuba não vai sucumbir.

Pela espontaneidade do seu povo, natural, conversei com várias pessoas, visitei várias instituições, circulei pela cidade de forma livre, de forma aberta. Um diálogo franco com os governantes, com a direção do Partido Comunista do governo cubano. Portanto, a impressão que ficou de Cuba, apesar daquela dificuldade do bloqueio, é de que Cuba resistiria. E isso eu expressei para todos que me perguntavam e realmente Cuba resistiu. Felizmente eu estava correto ao responder dessa forma aos incrédulos, porque naquela época defender o socialismo era tido como algo atrasado, ultrapassado.

No mesmo período estive, também, na Europa, e era assim que era tratado pelas pessoas. Então, era proibido defender o socialismo naquela época. Mas Cuba resistiu.

Aliás, não é por acaso, a Revolução de Cuba triunfou em 1959 e trouxe grandes benefícios. Nós observávamos que a população de Cuba, de 6 ou 7 milhões de pessoas aproximadamente, na época da Revolução, existia uma expectativa de vida de 55 anos, a mortalidade infantil era de 60 a 70 por mil habitantes, existia mais de 1 milhão de analfabetos, 10 mil professores sem trabalho, 500 mil crianças sem escolas. Essa era a situação de Cuba antes da Revolução, logo após a qual Cuba enfrentou dificuldades, mas aos poucos resolvendo os problemas. Em 1961, em menos de um ano, Cuba erradicou o analfabetismo. Lá não existem analfabetos. Em 1959, ocorreu esse processo revolucionário, de arrumação, e, em 1961, Cuba erradica o analfabetismo.

Cuba situa-se hoje entre os 15 ou 17 países com menor índice de mortalidade infantil, que, conforme dados de 2004, se situa em 5,8 crianças mortas para cada mil nascidos vivos, ou seja caiu de 60 a 70/1000 para 5,8! Imaginem que queda! A taxa de mortalidade infantil foi caindo, aos poucos, a partir da década de 70. Em 1979, eram 19,03 para cada mil. Na década de 90, em razão da crise e das dificuldades: 10,7/1000 e, em 2004 5,8/1000. Agora, em 2009, deve estar um pouco abaixo dessa faixa.

O número de médicos, hoje, em Cuba é de 69.713. Antes da Revolução Cubana, era de 6.500. Com a Revolução, 3.000 médicos fugiram, ficando no país apenas 3.500. Hoje, a taxa de médicos por habitante, em Cuba, é de um para cada 161 habitantes. Antes, era um médico para 923 habitantes.

No que diz respeito à Educação, a Revolução também trouxe grandes benefícios

para a população cubana e um grande exemplo para o mundo. Existiam três universidades antes da Revolução: uma na capital, uma na Província Central de Las Villas e outra na Província Oriental. Na época, eram 15.000 estudantes de nível superior; hoje são 500.000. Quinhentos mil estudantes universitários! Pulou de 15.000 para 500.000 estudantes, e hoje existem 774 sedes universitárias, centros universitários etc. Enfim, são muitas universidades.

No que diz respeito à oferta do Ensino Médio à população, o número de professores é de um para cada 42 habitantes.

Cuba enfrentou o bloqueio econômico com muitas dificuldades, porque a Revolução de 1959 incomodou muito os países imperialistas, principalmente os Estados Unidos da América, que historicamente é o seu principal adversário. Mas esperamos que, com a vitória de Barack Obama nas eleições para presidente dos Estados Unidos, essa situação venha a melhorar.

Cuba tem sofrido, desde a Revolução, um brutal bloqueio econômico. Calcula-se que totalizem US\$ 82 milhões as perdas da economia cubana e US\$ 54 milhões de dólares de perdas por causa das sabotagens e das ações terroristas. O Plano Mangosta, de 1962, que durou 14 meses, desenvolveu 5.780 ações terroristas em Cuba – cinco mil e setecentas e oitenta ações terroristas! – e 716 sabotagens na economia. Portanto, uma situação brutal de perseguição e de bloqueio que dificultou a vida da população. Apesar de tudo, Cuba sobreviveu mantendo condições dignas para a sua população.

No que diz respeito às relações internacionais, Cuba também cresceu muito. Antes do processo revolucionário, mantinha relações com 51 países; hoje, são 180 nações que mantêm relações diplomáticas e consulares com aquele país. Além de avançar nessa área, também cresceu de forma considerável o número de associações de solidariedade ao povo cubano. Hoje, são 1.866 entidades espalhadas em 134 países dos cinco continentes.

É importante ressaltar que Cuba tem desenvolvido uma política de solidariedade muito grande aos povos do mundo inteiro. Desde a Revolução, 500 mil cubanos já cumpriram missões internacionais como combatentes revolucionários, médicos, professores, etc. O espírito de solidariedade está presente na população daquele país.

Chegando ao final das minhas considerações iniciais, é preciso comentar a situação do emprego. Antes, para uma população de 6,7 milhões de habitantes, havia mais de 2 milhões de desempregados em Cuba – 2 milhões de desempregados! Pois bem, ainda na primeira década, o governo revolucionário incorporou mais de 1 milhão de pessoas ao mercado de trabalho; de 1970 a 1974, mais 500 mil trabalhadores foram incorporados; de 1975 a 1980, outros 600 mil. Hoje, o desemprego gira em torno de 1,9% ou 2%. Como um índice de até 3% é considerado de pleno emprego, então essa é a situação cubana hoje.

Na década de 90, diante das dificuldades enfrentadas pelo povo cubano, houve a solidariedade dos verdadeiros comunistas e socialistas do mundo inteiro. E mesmo havendo todos aqueles obstáculos enfrentados pelo governo naquele período, a palavra de ordem era: “Manter o socialismo. Nenhuma criança sem escola. Nenhum doente sem assistência médica. Nenhum idoso sem proteção”. Então, mesmo enfrentando essa situação de extrema dificuldade, as necessidades básicas, fundamentais foram asseguradas pelo governo cubano.

Hoje, o quadro vem melhorando, pois o crescimento econômico de Cuba está razoável, entre 8%, 9%, 10% ao ano. E a nossa expectativa é de que se desenvolva cada vez mais. Aquela nação inspira solidariedade, justiça social e espalha o seu exemplo de amor para o mundo inteiro. Acolhe as pessoas necessitadas de diversos países, porque tem a lógica da defesa dos direitos humanos, da justiça social.

Aqui mesmo temos presente Ana Marta, que é uma médica e foi estudar em Cuba. A escola de medicina de Cuba acolhe milhares de pessoas de diversos países, de dezenas de países que vão para lá fazer o curso de medicina que, por sinal, é bom que se ressalte aqui, o curso de medicina de Cuba é muito bom, com um conteúdo muito importante, e aqueles que se formam em Cuba são verdadeiros médicos, capacitados, competentes, mas, acima de tudo, essas pessoas também voltam com espírito de solidariedade para retribuir aquilo que ganharam na sociedade cubana.

Portanto, Cuba é um exemplo de solidariedade para o mundo inteiro, o exemplo de Cuba resiste. Hoje, vivemos grandes modificações no mundo, inicialmente com a chamada queda do socialismo real, o mundo inteiro sofreu uma profunda crise, Cuba resistiu e levou inspiração para o mundo inteiro, contribuiu para manter viva a chama do socialismo.

E hoje observamos que aqueles que defendiam o estado mínimo, aqueles que defendiam essa forma de acumulação capitalista extremamente perversa, foram derrotados. O neoliberalismo hoje vem sofrendo grandes baques, e hoje observamos uma das maiores crises do capitalismo mundial, um capitalismo que tem levado milhões de pessoas à miséria, milhões de pessoas ao desemprego, que tem aumentado as desigualdades sociais, que tem valorizado as coisas e o mercado financeiro em vez de valorizar o ser humano, esse capitalismo está em crise. Um capitalismo que sofre essa derrota, um capitalismo que tende a desaparecer com o crescimento das ideias socialistas e a construção de uma nova sociedade.

Hoje vivemos um mundo extremamente “financeirizado, um mundo de riqueza fictícia. Enquanto os Estados Unidos têm um PIB de cerca de 13 trilhões de dólares, têm uma dívida interna, externa e dívida familiar de aproximadamente 35 trilhões de dólares; enquanto a riqueza do mundo, o PIB mundial, situa-se na faixa dos 60 trilhões de dólares, nós temos movimentando no mercado financeiro em papéis, aproximadamente, 550 trilhões de dólares. Uma riqueza fictícia geradora de crises, geradora de desigualdades sociais, geradora de desemprego, geradora de injustiça; e esse capitalismo está em crise.

Essa crise que estoura no mundo inteiro, atinge todos os países, inclusive o Brasil, naturalmente atinge Cuba também. Mas é uma crise que atinge em menor proporção os países que se firmaram contra essa lógica. Então o Brasil enfrenta essa crise em melhores condições. Cuba enfrentou várias crises, um bloqueio criminoso de 50 anos, a crise, as dificuldades da década de 90. Enfrenta agora, mas enfrenta em melhores condições, mantendo sempre viva a chama do socialismo, da solidariedade e da justiça social.

Portanto, viva a revolução socialista de Cuba! Viva o povo cubano! Viva os seus dirigentes, Fidel Castro, Raul, e todos aqueles que defendem o socialismo! E viva a justiça social e o socialismo! Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queria registrar a presença da deputada Fátima Nunes e, ao mesmo tempo, chamá-la para a mesa. (Palmas)

Com a palavra o presidente da Associação José Martí, companheiro Antônio Barreto.

O Sr. ANTÔNIO BARRETO:- Bom-dia companheiros, é a primeira vez que estou aqui usando o microfone desta Casa do povo, é a primeira vez que aqui se faz uma homenagem à revolução do povo cubano, aos seus cinquenta anos. Em primeiro lugar, saúdo o companheiro Álvaro Gomes, presidente desta sessão e que a requereu especial em homenagem à revolução cubana, que faz cinquenta anos; o representante da embaixada de Cuba, o companheiro Sérgio Martinez, conselheiro de imprensa da embaixada de Cuba; o companheiro Aristeu Almeida; a companheira Noli Fraga; o companheiro Aurino Pedreira do Nascimento, da CTB; a companheira Ana Marta, baiana, médica formada, bolsista em Cuba; o companheiro Delclides, grande lutador da Associação José Martí e solidário a Cuba, e a deputada Fátima Nunes, também solidária ao povo cubano. Em nome de toda a plateia, gostaria de citar o nome do comandante Alírio, um “jovem” de 93 anos, que todos os anos vai a Cuba participar da brigada de solidariedade. (Palmas.)

Então, companheiros, com poucas palavras vamos falar sobre algumas questões da epopeia do povo cubano, deixando para trás os anos da independência, de luta de José Martí e Antônio Marcelo e vamos pegar, nestes poucos minutos, dos anos cinquenta para cá: (lê) “Era o ano de 1953, crescia o combate à ditadura de Batista liderado pelo movimento estudantil; Em 26 de julho do mesmo ano, a ousada tentativa da tomada do Quartel de Moncada; a derrota da 1a. empreitada revolucionária; a morte, a tortura e execução de muitos revolucionários; a prisão de Fidel e de outros companheiros; o Julgamento e o libelo da autodefesa ‘A história me absorverá’; a anistia; o exílio no México; a reorganização da resistência e a Fundação do Movimento 26 de julho, no exílio e sua expansão clandestina por toda a Ilha; a incorporação de Che, médico que se transformou num dos mais destacados comandantes da guerrilha; a criação do Diretório Revolucionário constituído pelos mais destacados líderes do movimento estudantil; a travessia no Iate Granma (hoje, no Museu da Revolução), embarcação de 12 metros que foi comprada em péssimo estado pelo comandante Fidel Castro por 40 mil dólares, com a capacidade para 25 pessoas, e nela embarcaram 83 guerrilheiros para uma travessia de dois mil quilômetros, com dois canhões, 35 fuzis com mira telescópica, 55 fuzis de assalto ‘Mendoza’, 3 metralhadoras ‘Thompson’, 50 pistolas e munições.

O desembarque em 2 de dezembro de 1956 na praia de Las Coloradas, num lugar pantanoso e coberto de manguezais. A expedição, que fora delatada horas antes de sair do México, foi bombardeada pela aviação de Batista antes do desembarque, de cujo ataque só sobreviveu menos de duas dezenas de combatentes dispersos, entre eles todo o estado maior e o Che, ferido a bala no ombro.

Esse pequeno Grupo de revolucionários, agrupado em torno do líder e estrategista militar Fidel Castro, impulsionou uma guerrilha na Sierra Maestra que, 2 anos e um mês depois, derrotou as forças do ditador Fulgêncio Batista, que governou o país de 1952 a 1958, e logrou o triunfo definitivo em 1º de janeiro de 1959.

Companheiros, momentos antes do triunfo da revolução, enquanto Fidel e seu irmão Raúl lutavam nas montanhas do oriente, o comandante Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos lutavam em Las Villas (centro da Ilha) apoiados pelas forças independentes do Diretório Revolucionário e a II Frente de Escambray.

O Comandante Camilo Cienfuegos, com outros companheiros, desapareceu junto com seu avião, em outubro de 1959. Fidel lhe deu a missão de desbaratar uma camarilha que preparava uma contra-insurgência em Camagüey, e no retorno a Havana, o avião caiu no mar, até hoje não encontrado.

A seguir, em poucas palavras, o prelúdio da vitória: os dez dias que revolucionaram Cuba.

Segunda-feira, 20 de dezembro: os guerrilheiros de Che iniciam o ataque a Santa Clara, capital de Las Villas, onde fica bloqueado um trem blindado com 22 vagões lotados de militares, fuzis, metralhadoras e canhões antiaéreos que Batista enviava para o oriente, numa última tentativa de conter a rebelião.

Terça-feira, 30 de dezembro: os soldados se fortalecem nas colinas de Santa Clara e o trem militar tenta escapar, cai numa emboscada e descarrila. Os rebeldes fazem prisioneiros e apreendem as armas.

Quarta-feira, 31 de dezembro: Batista prepara sua fuga. Na festa de fim de ano no Palácio Presidencial, renuncia e sai às pressas para o Quartel Columbia, onde o espera um DC-3 com os motores ligados. Em dois aviões, parte com sua família e seus principais colaboradores para San Domingo, onde é recebido pelo ditador Rafael Trujillo.

Quinta-feira, 1º de janeiro: Eloy Gutiérrez Menoyo, chefe da Frente de Escambray, entra em Havana às três da tarde com mil homens. Che Guevara comunica a Fidel, por rádio, que tomou o quartel de Santa Clara. Seus 340 homens derrotaram 3 mil soldados.

Fidel ordena a Guevara e Cienfuegos que avancem para Havana. Outra coluna rebelde se aproxima da oriental Santiago de Cuba. À tarde, Raúl Castro pede a rendição da cidade, e Fidel a aceita, em seu acampamento na periferia, com o chefe do Quartel de La Moncada às nove da noite.

Uma multidão recebe Raúl nas ruas de Santiago. Fidel chega tarde da noite e, em um ato, que acaba na madrugada do dia 2, proclama o triunfo da rebelião na sacada da prefeitura, ante uma empolgante concentração popular.

Sexta-feira, 2 de janeiro: durante a madrugada, Manuel Urrutia Lleó jura como presidente da República de Cuba. (é demitido em 17 de julho, sendo substituído por Osvaldo Dorticós Torrado)”.
Ele foi demitido porque não queria seguir o rumo da revolução, demitiu Fidel do cargo de Primeiro Ministro e terminou sendo demitido.

“Camilo entra em Havana e toma Columbia. Che parte rumo à cidade com seus homens em caminhões. Fidel deixa Raúl em Santiago e começa um percurso de 1.000 quilômetros para a capital, a 'Caravana da Vitória', transmitida pela televisão.

Sábado, 3 de janeiro: Che entra em Havana durante a madrugada e toma a fortaleza de La Cabaña.

Segunda-feira, 5 de janeiro: Fidel chega a Camagüey, fala ao povo, se reúne com Urrutia no avião presidencial - em voo para Havana - e conversa no aeroporto com

Che, que viajou para receber instruções.

Terça-feira, 6 de janeiro: Fidel chega a Santa Clara e fala para uma multidão.

Quarta-feira, 7 de janeiro: Fidel chega a Matanzas - próxima à Havana. Fala com a população e se reúne novamente com Che.

Quinta-feira, 8 de janeiro: Fidel e sua tropa entram com tanques, jipes e caminhões em Havana, numa apoteose geral. Camilo o espera em El Cotorro, entrada da cidade, e se soma à caravana, que parte para a Avenida del Puerto e Malecón.

Em Cabaña, Che acompanha com binóculos o percurso. Fidel chega a Columbia, onde pronuncia o discurso de consagração do triunfo da revolução.

A Revolução Cubana, saudada pelos revolucionários de todo o mundo, toma o rumo do socialismo e, em 19 de abril de 1961, a frustrada tentativa de invasão da Ilha com desembarque na Praia Giron (A famosa Baía dos Porcos) que teve a organização e o apoio dos Estados Unidos; Em 03 de fevereiro de 1962, o governo dos Estados Unidos, que sustentou a ditadura de Batista, decreta o genocida e criminoso bloqueio econômico à Ilha, com mais arrocho a cada governo que passou pela Casa Branca; ajuda à organização da contrarrevolução em Miami/Flórida, até hoje; a prisão ilegal de 5 antiterroristas cubanos: Fernando Gonzáles, René Gonzalez, Gerardo Hernandez, Ramon Labariño e Antônio Guerreiro, que se infiltraram na contrarrevolução, em Miami, há 11 anos, para evitar a ação de terroristas cubano/americanos no território de Cuba; o terrorismo contra Cuba, liderado por Luís Posada Carriles, mentor da explosão de um avião em pleno voo, proveniente de Caracas com destino a Havana, em 1973, com 76 pessoas a bordo, em sua maioria desportistas de esgrima, que haviam disputado campeonato em Caracas, (todos morreram).

Nos anos mais recentes, ataques terroristas em hotéis, sequestros de barcos e aeronaves cubanas, tudo isso organizado nos Estados Unidos e com o apoio dos governos desse país; o descumprimento de todas as resoluções das Assembleias Gerais da ONU sobre fim do bloqueio econômico. Mas o bravo e solidário povo cubano não se verga ante o império.

Cuba erradicou o analfabetismo nos primeiros anos da revolução, e o governo socialista declarou a saúde, a educação a cultura e o esporte como bens inalienáveis de todo o seu povo. Existem mais de 100 milhões de crianças nas ruas em todo o mundo, nem uma em Cuba, apesar de todo o cerco imperialista.

Em 2003, num pronunciamento ao povo cubano, Fidel afirmou: "Entre todos os países, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, Cuba já ocupa o primeiro lugar no campo da educação. Continua ele: À época do triunfo da Revolução, 30% de pessoas com idade suficiente não sabiam ler nem escrever e havia 60% de analfabetos funcionais, se considerarmos os jovens e adultos desprovidos de conhecimentos e cultura, não tinham passado da terceira ou quarta série de ensino primário extremamente deficiente.

Na Cuba revolucionária e socialista todos falam no mínimo duas línguas, Espanhol a língua pátria e inglês.

Na área da saúde, como é do conhecimento de todo mundo, Cuba deixa para trás os países mais ricos do planeta.

O tempo aqui seria muito curto, companheiros, para detalharmos as conquistas do povo cubano na educação, na saúde, na cultura geral, no esporte, como já disse, um direito de todos.

Cuba envia médicos e outros profissionais da saúde e da educação para muitos países na América, África e até para países da Ásia.

E, como se não bastasse, construiu a Escola Latino-Americana de Medicina - ELAM, para bolsistas de todos os países desses continentes e até dos Estados Unidos, onde quase uma centena de negros desse país lá estudam gratuitamente.

O Brasil tem quase 1000 bolsistas estudando medicina em Cuba destes,” 298 já se formaram.

(Lê) “Alguns já têm o seu diploma reconhecido e a maioria continua batalhando por isso, aqui no Brasil.

O Apoio político e militar de Cuba foi decisivo para a luta anticolonial de muitos países na África, no Congo Belga com Che Guevara à frente de centenas de soldados cubanos, na luta contra a segregação racial na África do Sul e o apoio militar determinante com centenas de combatentes para ajudar a conquista da independência total de Angola.

Recentemente dois devastadores furacões, o Gustavo e Ike, deixaram um prejuízo de 10 bilhões de dólares em Cuba.

O solidário povo cubano agora, ainda mais que antes, precisa da solidariedade de todo o mundo para derrubar o criminoso bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos; para libertar os seus cinco heróis das masmorras estadunidenses e para ajudar a reconstruir os estragos causados ao país pela própria natureza.

Cuba, apesar de tudo, continua firme na luta para construir o socialismo como modo de produção e de vida do seu povo.

O povo cubano já decidiu: jamais voltará a ser subjugado pelo império do norte ou qualquer outro.

Cuba que cultua o seu herói maior, José Martí, quer continuar sendo um país independente, soberano e socialista.

Toda solidariedade a Cuba.

Vida longa a Fidel, Raul e a todos os verdadeiros revolucionários da Ilha rebelde.

Viva a Revolução cubana!

Viva o socialismo!” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Agora vamos chamar o cineasta e também poeta, Carlos Pronzato, para declamar uma poesia feita especialmente para esta sessão especial.

O Sr. CARLOS PRONZATO:- Hoje é um dia especial, primeiro lugar, bom dia, *buenos días*, já que recitarei em espanhol, então, já vamos preparando a plateia. Ao deputado Álvaro Gomes, primeiramente, agradecendo esta possibilidade de poder estar aqui para colocar também em outro suporte, que é o artístico, a cultura faz parte, também, de qualquer embate revolucionário que a gente tenha que dar, a batalha não é somente no campo político, se dá também no campo das ideias, a batalha de ideias como fala atualmente o comandante Fidel Castro e nessas ideias se incluem também o embate literário, o embate científico, cinematográfico, teatral. Então, estamos nessa batalha já há algum tempo.

Queria, também, deixar, antes de ler o poema, um material que vou deixar aqui

com o deputado Álvaro Gomes, quando eu estava a fazendo a pesquisa do meu filme sobre o Che na Bolívia, carabina M2, uma arma americana, que acho que o deputado já assistiu, acho que algumas pessoas aqui, também. Eu tinha ido ao Chile por outro trabalho, referente, também ao mesmo tema e descobri num jornal chamado *Diário Austral*, em Temuco, uma pequena cidade do Chile, não tão pequena, onde Che Guevara, quando ainda não era Che Guevara, era Ernesto Guevara andava de motocicleta com seu amigo Alberto Granado. Eles estiveram nessa cidade e ofereceram uma matéria para um jornal que aparece, inclusive, no filme *Diário de uma Motocicleta*. Essa matéria, ninguém tinha chegado até ela, pelo menos eu descobri naquele dia porque foi a primeira vez que foi retirada dos arquivos no sub-solo do jornal, e eu consegui tirar uma cópia desse jornal, é do ano de 52, que diz: “*Dois espertos argentinos em leprologia recorrem o Sul da América em motocicleta.*” Está aqui, isso foi tirado diretamente daquele bibliotáfio imenso, cheio de poeira, e tem um ligeiro visto, vou deixar aqui com o deputado em homenagem a quem também participou da Revolução Cubana. Vou deixar aqui para ser entregue.

Vamos ler o poema, o título é “*50 son los años que cumple la Revolución*”. Vou pedir um coro para quebrar um pouco o protocolo. Vocês dizem assim: “*50 são los anos que cumple la Revolución.*” Quando eu levantar a mão vocês repetem. Isso seria uma espécie de diálogo entre Che e Fidel, é importante essa informação.

(Lê) “*50 son los años que cumple la Revolución
50 son las lágrimas que derramamos tu y yo
Tu desde el Moncada no tuviste otra ambición
Yo desde el día en que te conocí no tuve más dudas sobre mi misión
50 son los años que cumple la Revolución
Quien hubiera dicho que en ese yate viejo viajaba la Revolución
Después del desastre del desembarque 17 compañeros subiendo la Sierra
fue apenas el primer escalón
50 son los años que cumple la Revolución
Derrotar a Batista fue la tarea de un pueblo
que tuvo en tu nombre a su gran conductor
Entrar después en La Habana al grito de liberación
fue como un sueño antiguo puesto por fin en acción
50 son los años que cumple la Revolución
Después de mil agresiones soportadas con mucho ardor
el pueblo cubano entero resistiendo en Playa Girón
dejó su marca de fuego nuestra gran prueba de honor
Y la crisis de los misiles entre Kennedy y Krushev
que tuvo al mundo en vilo en el año 62 tampoco nos derrumbó
50 son los años que cumple la Revolución
Um día lejano te dije que si algún día triunfaba la Revolución
o seguiría el rumbo de mi peregrinación incendiando de amor el mundo
con las armas de la Revolución
Tu me miraste de lejos y en un largo silencio como de premonición
apenas dejaste en el aire un gesto profundo de desolación
50 son los años que cumple la Revolución*”

*La muerte me andó buscando em el Congo y em Bolivia hasta que al fin
me encontró em uma escuela perdida y com uma carabina M2 me apagó la vida
Dicen que soy un mito que ando em paredes y camisetas
pero tu sabes Fidel que nunca dejé de ser aquel muchacho rebelde de la
motocicleta*

*Y creo que ni el Bloqueo ni los 50 años de provocación pudieron destruir el
temple ejemplo em el continente – de un pueblo que se forjó reistiendo al Império
sabiendo decir que No*

Y eso no es mito, senhor!

50 son los años que cumple la Revolución

50 son las lágrimas que derramamos tu y yo

50 son los sueños de uma lucha que no acabó!

Y hasta la victoria siempre de nuestra Revolución!”

Muitas gracias. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero anunciar a presença do Grupo Tortura Nunca Mais; Forum Nacional pela Democratização da Comunicação; Iapaz - Instituto de Estudos de Ação pela Paz com Justiça Social; assessoria da vereadora Marta Rodrigues, do PT; União Brasileira de Mulheres da Bahia; Sindicato de Bebidas Unegro – Simões Filho; Sindicato dos Metalúrgicos de Simões Filho; Antônio Pereira – Presidente do PCdoB de Simões Filho, mais popularmente conhecido como Gavião; Sintracom – BA; ACJM–BA; UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas; CETR-1; José Barberino, Presidente do CEAP-LER, Everaldo Augusto, fundador da Bancada Parlamentar da Bahia em solidariedade a Cuba.

Concedo a palavra ao companheiro Deoclides Cardoso, diretor de Imprensa e ex-presidente da Associação José Martí, passou agora o cargo para Antônio Barreto.

O Sr. DEOCLIDES CARDOSO:- Boa-tarde a todos. Quero saudar a Mesa da Assembleia na pessoa da deputada Fátima Nunes e o Plenário na pessoa da nossa poetisa, grande defensora do proletariado e grande combatente à ditadura militar, que teve esse período de 24 anos em nosso país, Ametista. (Palmas.)

Estamos aqui na Assembleia Legislativa do Estado a Bahia comemorando os 50 anos da Revolução Cubana, iniciativa do eminente deputado e conselheiro da José Martí, que muito nos honra, Álvaro Gomes.

Seria inimaginável, há pouquíssimos anos, 3, 4 anos, nós termos uma sessão como esta, aqui. Nós sabemos do conteúdo que tínhamos aqui neste Plenário e o atraso que representava o Parlamento aqui em nosso Estado. E hoje estamos aqui comemorando essa grande data, uma data auspiciosa que não só libertou um país, mas, como um farol, iluminou a América Latina acordando os povos para um sistema mais avançado e melhor.

O que vimos, em Cuba, o que assistimos foi um grupo de abnegados revolucionários que se reuniram no México e num minúsculo barco, com a capacidade 3 vezes inferior ao número de navegadores, chegaram à ilha e, enfrentando todo tipo de dificuldades, venceram a reação daquele país atrasado e corrupto, e construíram o que nós vimos hoje na América Latina.

Eu, inclusive, imagino que se não fosse a resistência do povo cubano, talvez não estivéssemos construindo uma América Latina diferente, deixando de ser quintal dos Estados Unidos e tendo a altivez de seu povo, uma libertação e construção, pelo menos que a gente visualiza, construção de uma sociedade mais livre, mais humana, mais democrática.

Eu acho que nós todos, da América Latina e no mundo como um todo, devemos muito ao exemplo dado pelo povo cubano. Além disso, Cuba, diante de todas as dificuldades, de todo o bloqueio, do cerco que ela sofreu, diante da amargura de ter atos terroristas constantes contra o seu povo, Cuba não apenas se recolheu em sua defesa, mas ampliou a sua solidariedade. Nós vimos que Cuba combateu os países sob o cerco imperialista na África e na América Latina. E além disso, Cuba recolhe os pobres de todo o mundo e os leva para dar-lhes formação, não só na área da educação, mas, principalmente, na área da saúde.

Temos aqui, na Mesa, um exemplo, Ana Marta, que se formou em Medicina em Cuba. Ainda está com dificuldades de reconhecimento do diploma aqui, mas isso acontece com os estudantes brasileiros, os da África e até mesmo com os estudantes pobres de dentro dos Estados Unidos.

Então, há uma visão de solidariedade e de construção de um mundo novo, de um homem novo, de uma mulher nova para o futuro da humanidade. É um tipo de sociedade que cuida não só do bem-estar, mas também do espírito. Certamente que um médico formado em Cuba não vem com a mesma visão da maioria dos profissionais daqui – inclusive, faço parte da categoria –, que é apenas a de curar, mas também de, às vezes, enriquecer às custas da profissão.

Encerrando, queria ressaltar que devemos muito de solidariedade a Cuba. A José Martí, associação que existe aqui, na Bahia, e em vários estados do País, luta e recolhe todos aqueles que são amantes da liberdade, amantes de uma vida melhor e que estão solidários ao povo cubano. Recolhemos todo esse pessoal e levamos para fazer manifestações nas datas históricas de Cuba, para se solidarizar com todo o momento de dificuldades que vive Cuba, ou momentos em que sofra alguma agressão ou tipo de manifestação contrária à liberdade.

E nós, da José Martí, e todas as associações de solidariedade a Cuba, temos um encontro anual, que acontece num estado diferente a cada ano. Agora, entre os dias 10 a 13, será em Florianópolis, Santa Catarina. Convidamos todos que queiram participar desse evento histórico de solidariedade a Cuba.

Muito obrigado, e viva Cuba, viva o socialismo. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queremos registrar a presença do deputado Gilberto Brito, um dos mais atuantes e presentes aqui, na Assembleia Legislativa, e o convidamos a fazer parte da Mesa. (Palmas.)

Concedo a palavra ao ex-deputado estadual Aristeu Almeida, também comunista, verdadeiro comunista.

O Sr. ARISTEU ALMEIDA:- Sr. Presidente, deputado Álvaro Gomes, demais deputados e autoridades aqui presentes, meus senhores e minhas senhoras, é com muito prazer que estou aqui para ajudar na solidariedade a Cuba.

No ano de 58, eu era estudante do curso da Cepal-BNDE no Rio de Janeiro, e esse curso era dirigido por um ilustre cubano, Regino Botti, professor de Programação Econômica, que era amigo de Fidel, amigo da revolução. E lá surgiu o boato de que ele teria se afastado durante cerca de uma semana, para viabilizar a entrega de um vagão de armas para a Revolução. Discutia-se muito. E o Regino Boti dizia o seguinte: uma das primeiras providências que Cuba deveria tomar seria produzir internamente hortaliças, verduras em geral, e frutas para evitar a compra anual desses produtos, no valor de 200 milhões de dólares, que iam da América para Cuba, que era um país que estava ali pertinho, com um clima formidável e que não produzia nada a não ser cana-de-açúcar e fumo. Cuba só produzia, digamos assim, os produtos derivados da cana-de-açúcar como a cachaça e o rum, e os derivados do fumo como charutos. Não havia quase nenhuma indústria, tudo vinha de fora.

O primeiro plano do Che Guevara como ministro da Economia foi colocar em Cuba cerca de 200 indústrias, e isso foi feito rapidamente. Então a ilha se desenvolveu de maneira fantástica graças a esse trabalho organizado, planejado, em prol da socialização do povo cubano.

Cuba que tem mais de 70 mil médicos só possuía pouco mais de 6 mil antes da Revolução. Importava tudo. Naquele tempo, o país era considerado o local de lazer dos milionários americanos, nos finais de semana, para farras, isso e aquilo. Porém Cuba mudou de atitude passando a produzir internamente o que era obrigada a comprar fora.

Portanto, a Revolução Cubana e as dificuldades do bloqueio induziram a um desenvolvimento industrial formidável; hoje, Cuba está em primeiro lugar na saúde, educação e tranquilidade. Não existe país no mundo mais tranquilo que Cuba, onde se pode andar nas ruas, enquanto que em todo o mundo capitalista todos estão, digamos, com medo de andar nas ruas e vivendo em guetos milionários. Então a Revolução Cubana é realmente algo espetacular.

Regino Boti, que era o nosso diretor, funcionário da CEPAL, diretor do curso do Rio de Janeiro, foi o primeiro-ministro da economia de Cuba. Era um homem de alta competência que tinha formação em Harvard e que depois foi o presidente do Banco Central de Cuba e, como presidente, ele morreu num acidente de avião.

Estive duas ou três vezes em Cuba e não vi lá nada de pior. Nas ruas, não vi mendigo nem ambulante vendendo coisas, enquanto nas cidades do ocidente há milhões de vendedores ambulantes e vendedores de drogas, apesar de toda riqueza.

Então, graças ao socialismo, à economia planificada e ao trabalho gigantesco de Fidel Castro e seus companheiros, a Revolução Cubana é um exemplo para todo mundo.

Parabéns a Cuba pelos seus progressos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra agora a Dr^a Ana Marta, médica formada em Cuba.

A Sr^a ANA MARTA:- Boa tarde, alguns já têm fome, imagino, mas vamos tratar de ser breves para dar poder dar recado.

Primeiro, queria saudar a Mesa na pessoa do Sr. Sérgio Martines e quero saudar o plenário, não estou vendo mais Dori, meu conterrâneo ipiraense, que me viu ainda

uma menina e hoje a menina virou mulher e está aí dando uma força na contribuição para transformar e revolucionar o mundo.

Eu acho que não dá para fazer um discurso longo, contando a experiência que tive em Cuba, mas gostaria de assinalar algumas coisas. E gostaria de começar falando da importância do grandioso projeto da Escola Latino-americana de Medicina, existem tantos outros como a Escola de Esportes com 84 países, Medicina Veterinária, Psicologia, mas acho que Medicina, como Álvaro colocou muito bem da fuga dos médicos, do roubo de cérebros como se diz em Cuba, indo até os Estados Unidos, o país teve que se reestruturar e garantir a saúde como um dos principais pontos da revolução para que pudéssemos liberar aquele povo de tanto sofrimento, e que as epidemias e endemias fossem de fato um problema solucionado em Cuba.

Como acabamos de ouvir aqui, de fato, esse povo cubano tem acesso a tudo isso. O médico que, lamentavelmente, o Brasil ainda não conseguiu garantir, que ele possa estar na casa de cada um para construir no dia a dia uma relação mais próxima, que o médico não seja o Deus, que ele seja o Deus para curar, para compartilhar, para ajudar a desfrutar a vida, mas não necessariamente para ir lá e curar, dando um remédio e nada mais.

Digo isso porque tenho tido oportunidade de fazer algumas visitas aqui, inclusive alguns colegas nossos que ainda estão estudando em Cuba, quando vamos às casas sentimos a emoção que essas famílias demonstram para nós, dizendo que é a primeira vez que têm um médico na sua casa. Isso não é algo tão normal aqui. E Álvaro tem dado uma contribuição muito grande, lembro da ida de vocês, juntamente com a deputada Fátima Nunes, à Cuba, e tivemos um companheiro da delegação que passou mal e aí uma médica brasileira atendeu o brasileiro em Cuba. Foi uma situação bem honrosa para mim. Nós contribuimos para a solução do problema de um companheiro aqui da delegação que estava doente.

Quando Fidel pensou nesse projeto, ele tinha de fato uma responsabilidade de talvez exportar a revolução para além de Cuba, para além daqueles guetos que conheciam a revolução. Esse projeto é tão grandioso que nasce um momento ímpar na América Central, quando tivemos o furacão Mitch que destruiu Honduras, Guatemala, Nicarágua, ele disse: chega de estar mandando esses médicos para tantos países, vamos agora formar os médicos desses lugares para que eles retornem. Muita gente me pergunta: vocês vão ficar aqui lutando por esse diploma até quando? Vá para outro país. É verdade, essa seria uma saída. Mas o compromisso e a responsabilidade com o ideal de Fidel também precisam ser colocados aqui: a ideia, primeiro, de trabalhar com o seu povo, com a sua comunidade, dando o prazer e a honra que essa comunidade que nunca pode ter um médico filho dela, possa no dia a dia ter esse atendimento.

E aí quero dar um exemplo: há um ano e meio estivemos num trabalho voluntário na Venezuela, na região onde estão os indígenas, dentro do mato, horas e horas no rio Orinoco e algumas comunidades que só falam o seu idioma, tínhamos alguns colegas que faziam a tradução para nós, estudam em Cuba e estavam ali para fazer a tradução, a honra que esse ser humano tem em ter alguém que fala a sua língua, que conhece a sua realidade, que vive o seu dia a dia e que pode atendê-lo e dar assistência médica.

Acho que quando Fidel pensou esse projeto de fato ele conseguiu, mais uma vez, não só como dizia Barreto, ser o advogado de si mesmo como a história conta, mas ele

também conseguiu ser o advogado dos mais pobres, mais uma vez. Ele conseguiu advogar em nome daqueles que a mãe faxineira, que a mãe desempregada, que o pai mecânico não poderiam garantir o acesso desses filhos à universidade. A gente fala às vezes que de fato Fidel é um pai.

Lembro-me de um senhor, que já morreu, e tem uma filha que estuda em Cuba, ele perguntava para ela algumas vezes, e ela contava pra gente: minha filha, que homem bom é esse? Que homem tão bondoso que dá comida aos filhos de tanta gente que ele nunca viu, ele nem sabe quem fez vocês e por que ele dá comida e por que eles mantêm vocês na universidade? E aí a simplicidade, gentileza e talvez a ingenuidade desse senhor por não poder compartilhar desse sentimento nosso, dessa compreensão da necessidade de uma sociedade mais avançada, que não conseguiu entender, nem crer, nem defender o socialismo.

Acho que é essa humildade que move o povo, que constrói a resistência do povo cubano. Acredito que a resistência do povo cubano não se dá só em Cuba, se dá também em outros lugares. O que Cuba fez e a contribuição que deu para Angola foi fundamental. A Batalha de Cangamba foi vencida por orientações diretamente do advogado do povo e do mais humilde: Fidel Castro. A grande articulação que Fidel fez para que Chávez pudesse retomar o poder na Venezuela, quando se deu o golpe em abril de 2002, foi também advogar em nome daqueles que estavam lá esperando a revolução bolivariana para garantir o que o povo cubano tem.

De fato, a gente tem um herói e um líder na América Latina. Alguém falou aqui que Fidel resistiu, que Fidel fez 83 anos e este ano ele fará 84. Cuba resistiu a 50 anos da revolução. Como não somos eternos, em algum momento Fidel irá, mas a revolução, sem dúvida, resistirá. E caberá ao povo de Cuba ter saudades de tantos momentos difíceis que Fidel estava compartilhando com ele, quer seja no período especial dos anos 1990 para cá, quer seja agora recentemente antes de vir, no período de minha graduação, tivemos uma tremenda quantidade de furacões e Fidel já não podia estar lá. Mas estavam os ministros e Raul. Em todos os momentos difíceis de Cuba estavam presentes os seus grandes dirigentes, porque eles também se sentem parte do povo.

Lamentavelmente, no Brasil e em Salvador, recentemente vimos as chuvas acabando com esta cidade. Sorte para Cuba e desgraça para a Bahia, quatro furacões passando em Cuba e nada mais que sete mortes foram registradas, e aqui com pouquíssimas chuvas, com a Centenário bonita, reformada e maravilhosa para quem desfruta daquilo e com o subúrbio ferroviário largado às traças, a gente perdeu tantas vidas.

Lamentavelmente, a gente vai continuar perdendo. Há o descrédito por parte do povo pela falta de responsabilidade dos dirigentes. É o fato de não crer na existência de uma sociedade mais justa e de não crer num mundo novo. Então, lamentavelmente, continuará trazendo toda esta dívida humana que a gente vai ter aqui.

Mas quanto ao papel de Álvaro aqui, a gente acaba dizendo que será apenas mais um. Não é mais um deputado. A primeira vez que a gente consegue colocar isso aqui é porque a gente tem um deputado que representa o povo, que está falando em nome dos que creem no socialismo, em uma sociedade mais justa (Palmas) mais igualitária. Sim, faz uma diferença, e não pode ser mais um deputado, não pode ser mais um.

A gente tem discutido, deputada Fátima, a presença das mulheres aqui. Mas não

é qualquer mulher. É uma mulher com humildade e com este semblante tão puro e tão doce. precisamos de representantes como estes daqui. Aí, sim, a gente vai não só crer que amanhã será um novo dia, mas a gente vai crer que o novo dia amanhã será o dia do socialismo, o dia do povo e o dia daqueles que precisam de dias melhores em nome da paz, em nome do amor e de uma vida justa e solidária. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Gostaria de informar que a delegação que esteve em Cuba no início do ano foi formada pelos deputados Reinaldo Braga, Sérgio Passos, Bira Corôa, Ivo de Assis, Getúlio Ubiratan, Antônia Pedrosa, Fátima Nunes, Capitão Tadeu e Waldenor Pereira, Líder do governo na Assembleia Legislativa, e eu tive o prazer de ser coordenador dessa delegação, isso foi extremamente produtivo.

Concedo a palavra ao deputado Gilberto Brito.

O Sr. GILBERTO BRITO:- Eu serei bem informal.

Quero iniciar as minhas colocações saudando esta mulher brilhante que aqui passou. Poucas vezes na vida vi alguém com tanta facilidade de expressão. Isso, tenho certeza, não é brotado do seu pensamento e de seu raciocínio, sim, da coisa fluída de seu sentimento. Quando isso acontece fica bem mais fácil.

Parece-me, inclusive, pela sua característica física, pela sua aparência de descendente da raça negra, por certo, com muita dificuldade para vencer na vida buscou, em determinado canto do mundo, onde idealizadores e sonhadores do bem propiciaram e propiciam que aqueles que são desprestigiados dentro do contexto, no qual o que mais vale é ter e não ser, o caminho para colocar à vista uma flor tão bela. Parabéns!

Quero dizer aos que aqui vieram uma coisa que vocês bem sabem, mas como um dos 63 deputados da Bahia, a respeito de uma pessoa. Dela irei dizer duas ou três palavras. Vocês também bem o conhecem. E o tema da sessão, bem sabem. Como homem comprometido com as causas públicas e totalmente apartidário... Não tenho partido até porque, perdoem-me, às vezes acho que infelizmente não há uma concepção plena das práticas partidárias neste mundo, onde o partido maior é o interesse de cada um. Quero dizer da grandeza do deputado Álvaro Gomes, da sua dedicação ímpar, da sua lisura, da sua decência. E que Álvaro é unânime aqui, todos o respeitam e lhe querem bem, até porque ele abraça princípios, causas e toca a vida dentro de valores que norteiam o caminho para chegar a um porto seguro de felicidade, pugnando sempre pela igualdade social.

Quero cumprimentar, pois, este grande parlamentar e parabenizar a grandiosa criatura humana que é o deputado Álvaro Gomes. São coisas pequenas e miúdas que vocês podem muito bem atestar, identificar e fazer um juízo de valor das pessoas. O trato, a maneira e a identidade dele com as filhas, sobretudo a mais nova. A dependência que ele tem das filhas não é material, é sobretudo do sentimento de afetividade, faz parte incontestavelmente do atestado de homem que engrandece, dignifica e honra a vida pública baiana e brasileira.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra à deputada Fátima Nunes.

A Sr^a. FÁTIMA NUNES:- Bom-dia a todas e a todos. Quero saudar todas as autoridades da Mesa em nome do deputado proponente desta sessão, Álvaro Gomes.

Vou fazer uso de poucas palavras, por conta do tempo e de outras atividades que nos esperam aí fora após telefonemas no celular.

Não podia deixar de vir à tribuna neste momento para parabenizar o deputado por esta grande iniciativa e reafirmar entre nós presentes aqui, baianos e brasileiros, a responsabilidade que temos de transformar este nosso País e a cada dia trabalharmos isso.

Em muitos momentos da nossa trajetória política, nos espelhamos e nos motivamos com a história da Revolução Cubana.

Lembro-me ainda de que aos 19 anos mais ou menos, quando tive a primeira oportunidade de vir a uma cidade grande, Alagoinhas, para estudar no Colégio Santíssimo Sacramento, por acaso encontrei alguns livros que algumas pessoas diziam que não podíamos ler. Um deles era, que livro era este? *A Ilha*.

Como é que não se pode ler *A Ilha*? Como é que não se pode conhecer a história de um povo corajoso, resistente, lutador, batalhador, mas não em defesa de si próprio, e sim em defesa do mundo, em defesa da vida.

Levamos muito tempo reunindo nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, no sindicato de trabalhadores rurais, que se iniciou naquelas épocas também, depois espalhou-se pela Bahia afora. Vejam todos vocês que estão aqui na capital e que talvez, por conta dos movimentos estudantis, dos movimentos intelectuais, de outros movimentos, tiveram a oportunidade de conhecer mais cedo, de se firmar nessa história de conhecer e acreditar. Enquanto outros, mais distantes desse sertão, submetidos a uma palavra ou a um ordem de medo. “Tenham medo deste livro”. “Tenham medo desse costume”. “Tenham medo do comunismo”. “Tenham medo do socialismo”. Isso atrasou a nossa Bahia e o nosso Brasil. Os reflexos desse atraso estão presentes hoje.

Ao ouvir a nossa doutora se expressando tão bem aqui, já recebeu os parabéns do deputado Gilberto Brito e reitero. Não apenas por essa condição fluente de coragem, que isso é muito bom mesmo, mas é por conta talvez de uma boa inveja. Quantas mulheres jovens, negras, poderiam estar incorporadas a esse sentimento de satisfação, de alegria e de luta por esse povo baiano? Mas a história que nos afastou, nos intimidou e nos faz ainda hoje, às vezes, ao invés de ouvir palestras como essa, ficar na tela da televisão ouvindo bobagem, ouvindo música de beber, cair e levantar. Não sei para onde vai uma sociedade que bebe, cai e levanta, alguém precisa me responder isso.

Quero, inclusive, entrar no Ministério Público contra essas músicas tão bobas e tão perversas. Considero uma perversidade à índole, à autoestima, à evolução, à criação desta nossa sociedade enquanto precisamos quase 50 anos, eu pelo menos foi a primeira vez, que vi o anúncio, não vi o filme ainda, mas vi o anúncio do filme da vida do Che e vi o anúncio ontem também da vida do filho do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.

Ao proferir essas palavras, queria reforçar em nós, no nosso sentimento, no nosso coração, que o Brasil ainda está longe de conseguir essa revolução, já demos alguns passos, mas a nossa tarefa ainda é muito grande.

Ao fazer aqui sessões especiais com temas importantes como esse e outros que têm sido tratados, embora a vida dos deputados seja corrida, precisaríamos de muito mais presenças, porque temos uma tarefa muito grande para dialogar com a sociedade no dia a dia.

Quero parabenizar os deputados que se fizeram presentes, o deputado Álvaro Gomes, pela brilhante iniciativa, e dizer, professora, doutora, que a nossa tarefa é grande. Você está de parabéns por querer ficar aqui no Brasil. Tenho dito muito isso quando vou às palestras dos médicos: a saúde da família no Brasil, enquanto for considerada apenas prédios, muros e bancas para deitar doentes, não existirá. Só existirá quando houver corajosas e corajosos médicos que pensem na saúde como vida, e não como venda de remédios ou salários, para viver correndo aqui de hospital em hospital para ganhar o dinheiro.

Parabéns! Vamos à luta! Viva os 50 anos dos revolucionários! E vamos fazer também essa revolução no Brasil.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero anunciar a presença de Sônia Maria, da Associação dos Trabalhadores Sem Teto de Salvador.

Neste momento, concedo a palavra ao Sr. Aurino Pedreira, representando aqui a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil. (CTB) (Palmas!)

O Sr. AURINO PEDREIRA:- Boa-tarde a todos os presentes.

Saúdo o excelentíssimo deputado Álvaro Gomes por estar trazendo a esta Casa este debate e acho que isso precisa estar registrado nos autos das mais importantes sessões que esta Casa pôde realizar, porque essa defesa da Revolução Cubana, dos 50 anos da Revolução de Cuba, representa, para nós, a defesa do socialismo. Estamos trazendo para a Assembleia, aqui na Bahia, o debate sobre o socialismo, que é importante para a redenção dos povos e para termos uma sociedade cada vez mais justa.

Poderíamos aqui, rapidamente, em nome da CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil – uma central nova, mas que tem os documentos, fala sobre o socialismo, debate, discute a defesa dele – até apontar algumas questões importantes da revolução de Cuba, como, por exemplo, o fato de, em um ano após a revolução, o analfabetismo ter sido reduzido em 40%. Poderíamos falar da reforma agrária, a qual Cuba teve a coragem e a ousadia de fazer, não, simplesmente, como uma tomada de posse de terras, como dizem os documentos, mas buscando indenizar os donos das terras pelos valores que eles anunciaram no, digamos, imposto de renda local, no ano anterior. Desde essa época, o comandante Fidel já estaria fazendo justiça, a própria justiça representada para aqueles que vinham anunciando, efetivamente, o valor das suas posses, suas terras. Foi esse tipo de ação social, de inclusão social, que Cuba tentou e busca estabelecer.

Mas, na realidade, Álvaro, pedi para me inscrever – até porque já foi bastante dito aqui sobre as políticas de inclusão que Cuba estabeleceu a partir da sua revolução – para dizer o que representa a revolução de Cuba para os povos, em particular para o povo latino-americano.

Diria que, no século XX, poderíamos destacar dois grandes momentos históricos

da humanidade: um foi Revolução Russa no início do século passado e o outro, outra, na segunda metade, no nosso continente, a revolução de Cuba, através da qual, principalmente, que nós trabalhadores temos como norte, o nosso foco, a nossa luta, seja no chão da fábrica, seja nos bancos, seja nas lojas, dentro de um debate, poder construir um processo cada vez mais ampliado da consciência dos trabalhadores de uma necessidade de uma transformação cada vez mais social. É através dos exemplos de Castro, de Ernesto, da população cubana que nós trabalhadores temos como foco e como norte a possibilidade concreta de poder transformar a nossa Nação.

A Revolução Cubana não representa, o que já seria muito, a redenção de um povo, mas, fundamentalmente, a redenção de todo um povo, de toda uma sociedade. É através dela que conseguimos nos sustentar no bloqueio ideológico a este modelo que aí está, que impera e se encontra em crise, mas que buscou, efetivamente, tirar, extrair das nossas mentes, tirar como perspectiva de Nação, de vida, a possibilidade de termos uma sociedade cada vez mais igual.

A Revolução de Cuba tem esse legado! Que esses 50 anos nos reconduza, cada vez mais, a outros 50 anos, até que possamos ter, de fato, em todo o Planeta, em particular no nosso País, uma sociedade igualitária e socialista.

Obrigado!

(Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Ouviremos agora o último orador.

Antes, devo dizer que temos uma sugestão enviada por Sônia Maria, da Associação dos Trabalhadores Sem-Teto de Salvador, propondo que a Embaixada de Cuba promova o I Festival Cultural Cuba/Bahia.

Com a palavra o representante do governo e da Embaixada de Cuba, o conselheiro Sérgio Martinez. (Palmas.)

O Sr. SÉRGIO MARTINEZ:- Inicialmente, gostaria de dizer que é uma grande honra estar aqui hoje com vocês. Agradeço ao deputado Álvaro Gomes, aos companheiros da Associação José Martí, Euclides e Alfredo, e a todos que estão aqui participando desta sessão comemorativa.

É uma grande honra para mim, como já disse anteriormente, poder representar o nosso povo num evento como este, porque nos permite continuar a luta por ideais e princípios que Fidel, a Revolução e a Geração do Centenário começaram com a luta de 1953.

Sou de uma geração que praticamente nasceu com a Revolução. Nasci em 1960, me desenvolvi, cresci e fui educado pela Revolução. Não conheço diretamente o passado de Cuba, antes de 1959, mas conheço pelo legado e pelas experiências dos meus pais e de outras pessoas que me ensinaram os princípios da justiça social, do socialismo e da defesa da ideia de que, na realidade, um mundo melhor é possível não só para Cuba, mas também para toda a humanidade.

Ouvindo a poesia do companheiro Carlos, lembrei-me do compromisso que a nossa geração e a geração mais jovem têm, precisamente, com revolucionários como Fidel, Che e todos aqueles que começaram essa luta. Com aqueles que fisicamente não estão mais aqui e com os que, embora um pouco mais velhos, estão com seus ideais e

os seus princípios como estivessem acabado de nascer, mais jovens e fortes do que nunca, para servirem ao nosso país e ao resto da humanidade.

Aqui, olhando e escutando todos os companheiros que me antecederam, recordava toda a história da nossa Revolução. E pensava que há um compromisso muito maior do povo cubano com a nossa Revolução no sentido de jamais deixar cair esta bandeira, de jamais deixar de desfraldá-la com os amigos e irmãos que, em todo o mundo, mostram esta solidariedade com Cuba.

Em nome do povo cubano, posso, hoje, ratificar e consolidar o compromisso e a promessa de que esta bandeira pela qual vocês lutam jamais cairá em Cuba, porque nosso povo, nossa geração, a geração dos nossos filhos e dos nossos netos continuarão com essa bandeira, lutando por um mundo melhor, não somente por Cuba, mas também em solidariedade com os demais países do mundo.

Como falava o poeta Carlos: “Hoje em dia, a batalha fundamental está no campo das ideias.” Hoje em dia, o império já não pode mais impor seu predomínio através das armas ou de todo seu arsenal nuclear. Hoje, tem-se travado a batalha em sua primeira trincheira, a batalha das ideias, onde temos muitos desafios adiante.

Hoje em dia, luta-se pela sobrevivência no solo de um país ou numa revolução, luta-se pela sobrevivência da humanidade quando apresentamos e enfrentamos os problemas para a preservação do meio-ambiente; quando enfrentamos e lutamos pela solução do grande problema da pobreza, da miséria e do analfabetismo que agride os nossos povos; quando lutamos por uma mudança nas relações internacionais econômicas e financeiras, para que essas crises econômicas não afetem o nosso povo, que é o principal afetado quando os países capitalistas fazem suas brincadeiras, sugando com seu grande capital e trazem consequências para o nosso povo.

Por isso, uma vez mais, e sem querer roubar mais o tempo, em nome de Fidel e do povo cubano, em nome de nossa revolução, quero agradecer a todos vocês, amigos baianos, a solidariedade, a amizade, o compromisso por acreditar em nossa revolução. Ratifico, uma vez mais, que o povo cubano nunca faltará à solidariedade, o compromisso e a amizade que vocês aqui, na Bahia e no Brasil, sempre têm tido para com a nossa revolução.

Muito obrigado, e até à vitória, sempre. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero registrar também a presença do presidente da Assembleia Legislativa, que veio prestigiar esta sessão sobre os 50 anos da Revolução Cubana.

Ouvimos o último orador, e queria agradecer a presença do representante do governo cubano e de todas as entidades que vieram prestigiar esse evento importante.

Quero dizer que a Assembleia Legislativa da Bahia se sente muito honrada em receber a representação do governo cubano. Já estivemos em Cuba também, numa iniciativa inédita do Poder Legislativo do Estado da Bahia, presente oficialmente em Cuba numa viagem de solidariedade. E hoje temos aqui a presença oficial do governo cubano na comemoração dos 50 anos da Revolução Cubana.

Portanto, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a todos os presentes, deputados, deputadas, imprensa, à Associação José Martí, enfim, a todas as entidades

que se fizeram presentes.

Eu diria que esta sessão especial engrandece muito o Poder Legislativo da Bahia, porque aqui tivemos uma lição de solidariedade, de amor, de justiça social, de esperança e de crença em nossos sonhos, da construção de uma sociedade justa, onde todos possam viver de forma igualitária, uma sociedade sem exploração e sem opressão.

Declaro encerrada a sessão.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*